

SOB O SOL DA BORRACHA: A SAGA DOS NEGROS NOS SERINGAIS E CIDADES AMAZÔNICAS, ATRAVÉS DA LITERATURA. *

Geovana Gonçalves de Aguiar¹
Arcângelo da Silva Ferreira²

Resumo: Este artigo tem como objetivo realizar uma análise das vivências dos negros na Amazônia, abrangendo o final do século XIX e o início do século XX, através da literatura, as obras elencadas foram *Inferno Verde*, de Alberto Rangel; *Um punhado de Vidas*, de Aristófanos Castro e *A Árvore que Chora*, de Vicki Baum. O foco central dessa pesquisa recai sobre a experiência de vida desses indivíduos, representados nas obras, na exploração dos seringais, destacando os desafios enfrentados nessa atividade econômica e nas cidades em desenvolvimento da região. A participação nos seringais impunha condições de trabalho extremamente precárias, assemelhando-se, em muitos aspectos, à escravidão. As longas jornadas e a exposição à violência por parte dos patrões tornavam a experiência dos negros nesses ambientes especialmente árdua. Essa realidade não se limitava aos seringais, pois estar nas cidades em desenvolvimento não garantia uma melhoria substancial nas condições de vida. Apesar da contribuição ativa para o crescimento urbano, os negros ainda enfrentavam marginalização e restrições em diversas esferas da sociedade.

Palavras-chaves: Amazônia; Cidades da Borracha; Literatura; Negros; Seringais.

Introdução

A Amazônia é um espaço essencial para explorar a diversidade de trajetórias, ainda pouco reconhecida, de sujeitos afrodescendentes. Ao longo dos séculos, a região amazônica recebeu fluxos migratórios das mais variadas partes do mundo, que trouxeram consigo uma diversidade étnica e cultural significativa, sendo os negros um deles e desempenhando um papel crucial nesse contexto. Apesar disso, em muitos casos, as trajetórias e contribuições desses indivíduos têm sido sub-representadas nas abordagens historiográficas convencionais.³

*Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Licenciatura em História da Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins- UEA/CESP, no dia 23 de fevereiro de 2024.

¹ Graduanda em Licenciatura em História no Centro de Estudos Superiores de Parintins- CESP da Universidade do Estado do Amazonas-UEA. E-mail: geovana.goncalves.aguiar@gmail.com

² Doutor em História Social da Amazônia- PPHIST/UFPA e professor na Faculdade de História no Centro de Estudos Superiores de Parintins- CESP da Universidade do Estado do Amazonas-UEA. E-mail: adferreira@uea.edu.br

³ No entanto, vale acrescentar, mesmo que em uma nota de pé de página, a contribuição do livro *O fim do Silêncio: presença negra na Amazônia*, publicado originalmente em 2011, organizado pela historiadora Patrícia Sampaio. Conforme seus críticos, um divisor de águas acerca da história das trajetórias de negros e negras na Amazônia.

No século XIX, a vasta região Amazônica abrigava uma população diversificada, reunindo distintos grupos étnicos, como os indígenas, brancos e negros. Nessa época as atividades laborais progrediram de colheita de recursos naturais e agricultura para um foco exclusivo no próspero período econômico da borracha. No qual impulsionou o crescimento econômico, arquitetônico e cultural de cidades como Manaus e Belém, que ficaram conhecidas como metrópoles da Borracha.

Contudo percebe-se que com as transformações nessa região, e as contradições da vida moderna, houve a exclusão de muitos grupos e privilégios para poucos. Aumentando as tensões sociais e diminuindo os meios de sobrevivência para a população menos favorecida. Com o intuito de proclamar Manaus como a capital da Borracha, o poder público começou a criar uma política de repressão, exclusão e dominação contra grupos de pessoas que não enquadravam-se nos “valores” da elite local, assim “numa cidade de ‘fausto’, a pobreza, a doença, a vagabundagem, agrediam e ao mesmo tempo ameaçavam a ordem e harmonia da cidade” (Dias, 1999, p. 132).

Com o declínio do primeiro pico da borracha, a Amazônia mergulhou em um período de estagnação que a afastou e a relegou ao esquecimento em relação ao restante do país. Apenas no século XX, a partir da segunda guerra mundial, a região voltou ao cenário nacional a partir da implantação de planos de integração nacional e grandes projetos de desenvolvimentos, com isso a região iniciou um processo de retomada e voltou a atrair novos migrantes de todo o Brasil, pois “A partir da assinatura de diversos acordos entre Brasil e Estados Unidos, realizados em março de 1942 para a exploração de matérias-primas, muitos trabalhadores foram recrutados, sobretudo do Ceará, para o trabalho nos seringais da Amazônia.” (Monteiro, 2023, p.241). Assim esse movimento impulsionou um novo ciclo de crescimento e transformações na Amazônia, redefinindo seu papel e sua importância dentro do contexto nacional.

Ao estudar a estrutura econômica na região amazônica nota-se que o uso da mão de obra escrava teve pouca relevância devido à predominância de outras formas de trabalho, essencialmente a indígena, em diversas atividades pois era mais barata. Assim, o impacto da mão de obra dos escravizados africanos só tornou-se mais evidente na segunda metade do século XVIII, especialmente na Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, mas segundo Salles

[...] há referências a duas provisões régias sobre a introdução de peças da África, uma datada de 18 de março de 1662- que livrava da metade dos direitos

os negros de Angola que se metessem nesse estado- e outra de 1º de abril de 1680- que determinava a condução, todos os anos, de negros da Costa de Guiné para Maranhão e Pará por conta da fazenda real. (Salles, 1971, p. 14).

Essas diferentes perspectivas ressaltam distorções na historiografia, resultando no encobrimento da presença negra, comprometendo a narrativa histórica que reconhece a relevância da presença dos negros no desenvolvimento da região, sendo eles oriundos do continente africano ou os que já estavam no Brasil, sobretudo os que viviam no Nordeste.

Diante disso, torna-se imprescindível reexaminar a historiografia e faz-se necessário promover uma história mais inclusiva, que reconheça as múltiplas vozes e perspectivas presentes na sociedade. A revisão da história, ao incorporar fontes diversificadas, incluindo a literatura, revela que a presença negra na Amazônia não foi tão marginal como sugere os historiadores tradicionais⁴, principalmente no período da extração do látex.

A História e a Literatura, cada uma a seu modo, com diferentes discursos, buscam recriar o mundo por meio de representações. Enquanto a História se ocupa em buscar a verdade através dos vestígios deixados pela humanidade ao longo do tempo, a Literatura, “cria uma modalidade narrativa referencial ao mundo, com pretensão aproximativa. Não precisa comprovar ou chegar a uma veracidade, mas obter uma coerência de sentido e um efeito de verossimilhança” (Pesavento, 2003, p. 37). Desse modo, observamos que tanto a História quanto a Literatura obtêm o mesmo efeito de verossimilhança, com a diferença de que o historiador tem uma aspiração pela verdade.

Por meio da investigação das obras literárias que abordam as vivências dos negros na Amazônia, foi possível analisar os discursos e as representações presentes nessas narrativas, além de contextualizá-las dentro do cenário histórico, social e político da região. Espera-se, assim, contribuir para uma visão mais completa e abrangente da História da Amazônia, evidenciando a importância e o legado dos negros no contexto do auge da borracha.

A necessidade de pesquisar sobre a experiência dos negros na Amazônia surgiu a partir da realização do projeto do programa de iniciação científico de 2023-2024, intitulado “As representações da cultura afro-brasileira e da trajetória histórica de negros

⁴ O conflito militar a Cabanagem de 1835-1840 é um exemplo da presença dos negros em movimentos de luta na região.

na Amazônia, através de fontes impressas e da literatura modernista, inscrita no Amazonas.”, e as discursões das aulas de “História da África e Cultura Afro-brasileira” e “História da Amazônia”, que elucidaram a importância de entender que a história dos afrodescendentes é essencial para construir uma sociedade mais justa e inclusiva, e no âmbito regional faz-se ainda mais necessário pois ainda é perceptível a falta de conhecimento ou tentativas deliberadas do apagamento sobre a presença negra na Amazônia. Em conjunto, há as minhas vivências enquanto uma pessoa negra em busca de narrativas de resiliência, resistência e realizações que muitas vezes foram subestimadas, assim ao pesquisar sobre a história dos negros na Amazônia não apenas proporciona um entendimento mais profundo das raízes culturais, mas também alimenta um senso de pertencimento.

Assim este artigo tem como objetivo investigar as trajetórias dos negros na Amazônia ao longo do fim do século XIX e início do século XX por meio da análise das obras literárias *Inferno Verde*, de Alberto Rangel; *Um punhado de Vidas*, de Aristóphanes Castro e *A Árvore que Chora*, de Vicki Baum, fontes que mostram-se valiosas e significativas de análise histórica.

Esta pesquisa abarca o campo da História Social da Cultura e da Linguagem, visto que por meio das representações inscritas na literatura de ficção busca analisar indícios da cultura e da trajetória histórica de negros na Amazônia. E por delimitar a referida região, insere-se também na dimensão da História Cultural e Regional, pois busca refletir sobre a atuação de sujeitos negros em um determinado espaço geográfico. Este que também é um território onde são encenadas as “relações sociais, econômicas, políticas e culturais” (Barros, 2005, p. 2).

As obras literárias *Inferno Verde*, de Alberto Rangel; *Um punhado de Vidas*, de Aristóphanes Castro e *A Árvore que Chora*, de Vicki Baum foram essenciais para nossa abordagem. A historiografia contemporânea demonstra que a literatura desempenha um papel fundamental como fonte histórica. Nessa perspectiva os romances elencados como corpus de análise para esta pesquisa foram de fundamental importância para a compreensão da experiência dos negros na Amazônia durante o final do século XIX e início do século XX. A partir dos personagens coadjuvantes negros conseguiu-se traçar parte das vivências dos mesmos na sociedade desse período. Embora tenha sido necessário ter cuidado com as representações e estereótipos presentes nas obras literárias, essas narrativas forneceram perspectivas valiosas sobre a vida cotidiana, as experiências

individuais e coletivas, bem como as formas de resistência e autonomia dos negros na região.

O artigo foi dividido em três sessões, a primeira intitula-se **“Os autores e enredos”**, que buscou apresentar uma breve biografia dos autores e o enredo das obras escolhidas. A segunda sessão **“Negros no início dos seringais”**, pretendeu elucidar o papel dos negros na sociedade amazônica durante o período da borracha no final do século XIX. Predominantemente escravizados, os negros nas cidades, como Belém e Manaus, realizavam diversas atividades como carregadores, trabalhadores domésticos e vendedores ambulantes. Na área rural, trabalhavam nas lavouras, em cooperação com os indígenas, e capatazes nos seringais, onde tinham o papel de “controlar” os indígenas. A relação entre senhores e escravizados variava entre uma dinâmica paternalista no campo e uma realidade mais complexa nos seringais. A abolição da escravatura em 1888 marcou uma transição para uma sociedade moderna e industrializada, deixando para trás o sistema escravista baseado no patriarcalismo.

A terceira **“Liberdade Ilusória”**, trata da exploração da borracha na região amazônica entre o final do século XIX e o início do século XX, período no qual os negros desempenharam diversos papéis nos seringais e cidades. Nos seringais, enfrentaram condições precárias, trabalhando em colocações, enfrentando dívidas com patrões e resistindo às práticas opressivas. Nas cidades em processo de modernização, os negros encontraram desafios como marginalização, restrições ocupacionais e segregação social, enquanto buscavam sustento em ocupações variadas, como trabalhos em pedreiras e serrarias, além de atuar como vendedores ambulantes, revelando a complexidade de suas experiências durante esse período.

2. Autores e enredos

Alberto Rangel

Alberto Rangel nasceu em Recife, no dia 29 de maio de 1871, e faleceu em Nova Friburgo, em 14 de dezembro de 1945. Filho de Joaquim José do Rego Rangel⁵. Fez os estudos primários em São Paulo. Foi educado para a vida militar e estudou na Escola Militar da Praia Vermelha, onde as ideias republicanas o conquistaram de tal forma que, ele próprio o confessou na biografia do conde d’Eu. Como alferes-aluno comandou, em

⁵ Foi um fazendeiro e Agente Oficial da Colonização.

Niterói, uma bateria das forças do governo, quando da revolta de parte da Armada em 1893. Engenheiro militar, demitiu-se do Exército em 1900, exatamente quando lançou seu primeiro livro: *Fora de Forma*, com as lembranças da vida castrense. Fascinado pela Amazônia, acompanhou seu colega da Escola Militar e amigo muito estimado de Euclides da Cunha, em 1904, e veio desempenhar, no Amazonas, o cargo de diretor-geral de Terras e Colonização e, depois, o de secretário de Estado. A Amazônia foi o tema de seu outro livro: *Inferno Verde*, prefaciado por Euclides da Cunha. Em 1916, lançou seu mais importante livro: *D. Pedro I e a Marquesa de Santos*, sem dúvida o estudo mais completo sobre o escândalo amoroso do primeiro Imperador. Deixou, ao morrer, alguns trabalhos, depois publicados, entre eles *Os Dois Ingleses* (Strangford e Stuart) e *Marginados* (anotações às cartas de Pedro I e da marquesa de Santos). Foi sócio do Intitulo Histórico Geográfico de São Paulo (IHG/SP), do Grêmio de Ciências e Letras de Campinas, e em 6 de junho de 1912 foi eleito sócio correspondente do Intitulo Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), passando a efetivo em 27 de dezembro de 1944 e novamente a correspondente em 10 de julho de 1945⁶.

O livro *Inferno Verde*, publicado em 1908, é dividido em 11 contos que escreveu sobre a Amazônia no início do século XX. São histórias com os mais diversos temas, como os seringueiro, floresta, amor, morte e outros. A sua filiação ao estilo de Euclides da Cunha e a sua vinculação ao aparato administrativo estatal quando da sua presença na região confluíram para uma ideia de região então assentada em seu aspecto infernista. O entendimento da realidade nacional a partir dos sertões fez com que a Amazônia fosse tomada pelo autor como um mundo relegado ao esquecimento.

Vichi Baum

Hedwig Baum, nascida em 24 de janeiro de 1888 na Áustria, começou a escrever na adolescência, mas só começou a escrever profissionalmente depois do nascimento de seu primeiro filho. Seu primeiro livro, *Frühe Schatten: Die Geschichte einer Kindheit* (*Early Shadows: The Story of a Childhood*, 1919), foi publicado quando ela tinha 31 anos. Posteriormente, ela publicou um novo romance quase todos os anos, com uma carreira total de mais de 50 livros, pelo menos dez dos quais foram adaptados como filmes em Hollywood. Seu nono romance, *Stud. Chem. Helene Willfüer* (Helene), foi seu primeiro grande sucesso comercial, vendendo mais de 100.000 cópias. Baum é considerada uma

⁶ Dados biográficos retirados do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

das primeiras autoras de best-sellers modernas. Suas protagonistas eram frequentemente mulheres fortes e independentes apanhadas em tempos turbulentos.

Baum é mais famosa por seu romance de 1929 *Menschen im Hotel* ("Pessoas em um Hotel"), que introduziu o gênero do 'romance de hotel'. Foi transformado em uma peça de teatro em Berlim em 1929, dirigido por Max Reinhardt, e um filme vencedor do Oscar, *Grand Hotel*, em 1932. Baum emigrou para os Estados Unidos com sua família após ser convidada a escrever o roteiro deste filme. Ela se estabeleceu na área de Los Angeles e trabalhou como roteirista por dez anos, com sucesso moderado. Com a ascensão do nacional-socialismo na Alemanha, suas obras literárias foram apontadas como sensacionalistas e amorais e banidas no Terceiro Reich a partir de 1935. Ela se tornou uma cidadã americana em 1938, e suas obras pós-Segunda Guerra Mundial foram escritas em inglês ao invés de alemão⁷.

A obra *A Árvore que Chora* é uma saga de um “ciclo econômico”⁸ baseado em um produto, o “coucho”. Contada em terceira pessoa, a narrativa inicia com o relato das circunstâncias que levaram o padre Anselmo para a região do Alto Rio Negro para converter os indígenas e os acontecimentos que lhe marcaram a vida, em décadas de trabalho missionário, até o momento em que é chamado em Belém pela ordem provincial, quando encontra La Condamine e o informa sobre o uso da borracha pelos indígenas. A partir disso, a história se desenrola, iniciando-se a saga pelo controle de uma nova fonte de riqueza que será vital para o sistema industrial que se consolidava na Europa. Tal foi a relevância da borracha, como produto complementar da produção econômica mundial, que foi chamado de ouro negro. A árvore que chora é o romance épico dos trabalhadores da borracha, Baum eternizou, com inventividade, beleza e profunda humanidade, história dos homens e mulheres que viveram no interior da Amazônia, e posteriormente, nos seringais asiáticos.

Aristófanes Castro

⁷ Dados biográficos podem ser visto em <[https://www.infopedia.pt/apoio/artigo/\\$vicki-baum](https://www.infopedia.pt/apoio/artigo/$vicki-baum)

⁸ Desde os trabalhos historiográficos de Jacob Gorender, Maria de Yeda Linhares, Ciro Flamarion Cardoso, Patrícia Melo o conceito “ciclo econômico” foi refutado. Nesse sentido, a Historiografia atualizada adota, essencialmente, o conceito de “brecha camponesa” para buscar interpretações mais coerentes sobre as relações socioeconômicas, ocorridas no Brasil, nos séculos XV ao XIX, pelo menos. Neste artigo colocamos aspas em “ciclo econômico” para elucidar que já existem ressalvas consolidadas que giram em torno desse debate.

Aristófanés Bezerra de Castro Filho nasceu no Acre em 1917, e faleceu em 30 de dezembro de 2014, aos 66 anos, vítima de leucemia. Bacharelou-se em Direito pela Universidade do Amazonas, foi jornalista, colaborou por vários anos nos jornais de Manaus. Escreveu uma crônica intitulada *Adeus à Zona*, publicado pela Editora Valer em 2000, escreveu também a crônica *Adeus ao Patriarca e Ferro em Brasa*. Além dessas duas profissões era romancista, suas obras são: *O Transviado* (1948), *Um Punhado de Vidas* (1949) e *Matadores de Esperança* (1959).

Aristófanés Castro era conhecido como “velho” Ari e assim gostava que o chamasse, ele tinha um compromisso verdadeiro com a educação e formação do cidadão, respondeu quatro inquéritos policiais militar por subversão durante a ditadura de 1964. Tomou posse da presidência da Ordem dos Advogados do Brasil Seccional Amazonas (OAB-AM) em 2007, onde ficou presidente por três vezes, tinha 40 anos de carreira, foi também secretário geral adjunto do Conselho Federal da OAB por duas vezes, era ético e competente, tinha uma vida voltada aos interesses na classe dos advogados, mas também de toda sociedade amazonense.⁹

Seu romance *Um Punhado de Vidas* é um livro que se vincula as vertentes inauguradas por Macunaíma, de Mário de Andrade, e a *Bagaceiros* de José Américo de Almeida. Conforme o autor “a obra literária é a expressão de uma realidade e de um tempo” (Castro, 2001, p. 11), ele é bem categórico ao relatar fatos que marcaram seu momento histórico, e expressa a concepção da vida, do sofrimento e das aspirações do homem diante da opressão e injustiça, sua ideologia era a rebeldia, e uma profunda consciência social de uma Manaus decadente e de um Brasil fracassado, ficando claro a crítica que o autor faz ao capitalismo. Esse romance foi escrito no decorrer da Segunda Guerra Mundial, quando começou o frenesi da Batalha da Borracha, onde o imigrante era induzido a alistar-se para servir os seringais amazônicos.

Essa obra é puramente ficcional, foi escrita através de um trabalho minucioso de pesquisa e observação de variados documentos do período. Diferente de Ferreira de Castro, Aristófanés não se engajou nos seringais, não teve essa experiência, não presenciou de perto o estado de escravidão que vivia os trabalhadores de extração do látex. Este livro foi escrito em 1939 e sua primeira impressão foi em 1949, nas oficinas

⁹ Dado biográfico obtido através do artigo “Com a foice, o martelo e a caneta: Aristófanés Castro entre a literatura e a militância política (1945-1950)” de Marcos Lucas Abreu Braga, 2023, p. 44-57.

gráficas da antiga Escola dos Artífices de Manaus, hoje IFAM- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas.

As obras selecionadas desses três autores convergem na crítica social, utilizando as experiências dos marginalizados para construir narrativas que transcendem o fictício, revelando verdades inquietantes sobre as diversas realidades exploradas em seus enredos.

3.Negros no início dos seringais

A presença negra na sociedade amazônica remonta aos meados do ano de 1600, conforme registrado pela historiografia¹⁰. No início do “ciclo da borracha” em 1880, nas cidades que tornaram-se centros globais, a observação da autora Baum revela que nesse contexto, o trabalho dos negros ainda era em condições de escravidão: "Os homens altos e robustos carregando enormes sacas de café, de cacau e de açúcar na cabeça, cantando todo o tempo. Havia mulheres pretas também" (Baum, 2022, p. 30), predominantemente, essas desempenhavam funções nas fazendas.

Sampaio (2007) destaca a dinâmica urbana de Belém e Manaus, afirmando que circular nessas cidades significava deparar-se com uma variedade de atividades desempenhadas pelos negros.

Circular em Belém ou Manaus, significava encontrar nas ruas carregadores africanos, vendedores de açaí, mucamas e criados, forros negociando suas produções de tabaco, artigos de latão e cobre, chapéus de palha, oferecendo seus serviços de sapateiro, carpinteiro e ourives, (...). (Sampaio, 2007, p.5).

Os alforriados, apesar de trabalharem para si, continuavam a prestar serviços aos senhores. Um exemplo é Eufêmia das Paijumas, uma personagem mencionada no romance *A Árvore que Chora*, de Baum, uma mulher negra e livre que se deslocava do centro de Belém para auxiliar sua mãe, ainda escravizada em uma fazenda, nos serviços domésticos, como a lavagem de roupa.

Os domésticos, de modo geral, constituíam a famulagem das famílias abastadas, ocupando vários escalões da hierarquia familiar, havendo pretos de sala e de cozinha, mucamas, aias e aias, amas, pajens, arrumadeiras, lavadeiras, cozinheiras etc. (Salles, 1971, p.171).

O trabalho escravo das mulheres não se restringia apenas nas atividades domésticas, em alguns casos por conta de sua beleza eram colocadas para trabalharem como vendedoras por seus senhores ou até mesmo poderiam ser alugadas para outros para

¹⁰ Ver na obra *O negro no Pará* de Vicente Salles. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Varga, Serv. de publicações [e] Univ. Federal do Pará, 1971.

exercerem diversas funções. Em relação ao aluguel de escravizados era comum que tal fato acontecesse na região Amazônica, pois era uma forma dos “proprietários” dos escravizados tirar proveito do capital investido, já que “o aluguel era a transferência temporárias de um escravo a outro sujeito, sem que houvesse a perda do direito de propriedade pelo senhor que o colocava nessa condição” (Costa, 2014, p.3)

Já na área rural os negros trabalhavam nas lavouras de cana-de-açúcar, arroz e outros, em conjunto com os indígenas de forma cooperativa, compartilhando conhecimentos e habilidades específicas, os negros contribuíam com suas experiências nas práticas agrícolas e no processamento de produtos como a própria cana-de-açúcar, como assevera Salles (1971) “os índios não se submetem bem à disciplina, quando trabalham sós”. Em parceira, os indígenas ofereciam seus conhecimentos locais, ajudando os negros a adaptarem-se ao ambiente amazônico.

A relação dos escravizados com o senhor na área rural diferenciava-se da que acontece na cidade, a figura do senhor é relacionada com a ideia “paternal”, e suas condições nesse meio também era diferenciada pois possuíam formas de divertimentos e folgas aos fins de semana. Mas tal situação não impedia que houvesse aplicação de castigo por algo que era considerado pelo senhor como inadequado.

No início da extração do látex nos primeiros seringais da região amazônica, os negros desempenharam um papel significativo, mesmo enquanto ainda estavam submetidos a condições de escravidão. Embora a historiografia destaque que os indígenas foram os primeiros a serem utilizados como mão de obra, a presença negra já era marcante nesse espaço, como evidencia-se abaixo:

Muitos homens que, embora não tenham a cara pitadas, são de muitas cores. Alguns são morenos, outros são da cor de café, muitos são vermelhos. Uns são mais brancos ainda, outros de uma cor esverdeada. Mas os maiores e mais fortes são pretos. (Baum, 2022, p.245).

Dentro dessa configuração, os negros assumiam o papel de capatazes nos seringais, desempenhando uma função crucial na gestão da mão de obra. Sua responsabilidade principal era a captura dos indígenas que tentavam fugir para dentro da floresta. Revelando uma dinâmica complexa e muitas vezes conflituosa entre os diferentes grupos étnicos envolvidos na exploração do látex, onde “os negros são pagos para espancar e matar os índios, os racionais ganham para espancar e matar os negros e os brancos são pagos para espancar e matar quem quer que não obedeça às suas ordens” (Baum, 2022, p.255).

Com a inserção do mundo na modernidade, a sociedade escravista, esclarece Gomes (2006), foi desenhada como atrasada por conta de seu sistema social trazer em suas raízes o patriarcalismo. “Escravidão, trabalho escravo e mundo rural apareceriam em oposição à industrialização, operariado e urbanização.” (Gomes, 2006, p. 227). Com essas novas configurações de mundo, no ano de 1888, o processo escravocrata é abolido no Brasil, mas a negação dos sujeitos aos direitos sociais persistiu.

4. Liberdade Ilusória

4.1 os negros a caminho da Amazônia.

A exploração da borracha vegetal que ocorreu na região amazônica entre as últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX promoveu um novo processo de ocupação humana dessa região ao estimular a migração de milhares de nordestinos para trabalhar na extração gomífera em terras onde havia grande concentração de seringueiras. Nelson Werneck Sodré afirmou que “no último decênio do século XIX, [...] toda a Amazônia passaria de 340.000 habitantes em 1872, para 480.000, em 1890, e 1.1000.000, em 1906”. Para o autor, esse “não era um aumento quantitativo, apenas, mas qualitativo, e revela alteração profunda no mercado e nas relações de trabalho” (Sodré, 1964, p. 310)

As condições da viagem eram precárias, tal qual a viagem nos tumbeiros, os migrantes vindos, em sua maioria do nordeste, eram “homens de todas as cores e de todos os tipos” (Castro, 2001, p. 25), atraídos pela possibilidade de enriquecimento, além da fuga das secas, que era apenas um dos diversos fatores que motivaram a saída do Nordeste.

Uma descrição significativa da viagem é feita na obra *Um Punhado de Vidas* de Aristóфанes Castro, por meio da qual prevê a trajetória do personagem de

João Petronilo cearense do Crato, pele queimada pelo sol causticante do sertão, iludido com as promessas propagadas, embarcara para a Amazônia, abandonando a mulher, a filha de três anos, em busca de dinheiro que se encontravam aos montões [...]” (Castro, 2001, p.15).

A viagem era realizada por meio de navios a vapor chamados de “gaiolas”, com acomodações apertadas e alimentação inadequada. “João Petronilo viu-se jogado num transporte como se fosse um punhado de escravos, daqueles que escravos das estórias contadas por tia Gertrudes, preta, bem pretinha, morta na última seca” (Castro, 2001,

p.16). Muitos sucumbiram às doenças e à falta de higiene, antes mesmo de chegarem aos seus destinos pretendidos.

Durante o percurso o tratamento com esses indivíduos ia mudando, as promessas feitas iam ficando para trás conforme iam chegando aos seus destinos, “Médico e enfermeiro para cada grupo de homens, um minto; remédio em abundância, estória fiada”. (Castro, 2001, p. 16)

No árduo trajeto até a Amazônia, permeado pelo martírio vivenciado por esses homens, surgiam oportunidades para valiosas trocas culturais. Dois personagens notáveis nesse contexto eram, Chico Luiz, um marinheiro preto que fazia a linha Belém-Manaus, com suas experiências marítima e suas histórias compartilhava as lendas, mitos e causos da região. O outro era Chico Rosa, um preto do Rio de Janeiro que vinha para Amazônia em busca de melhores condições de vida, embalava os demais companheiros no contagiante ritmo do Samba carioca, assim trazendo consigo o pulsante legado cultural de sua cidade. Essas trocas, mesmo em meio à dureza do caminho, destacam a capacidade dos negros de encontrar conexões e expressar identidades culturais, ressignificando o sofrimento, além de atuarem em funções de destaque.

Após dias de viagem chagava-se em Belém que era a primeira parada, onde muitos aproveitavam a oportunidade para fugir ao perceberem as más condições que eram a viagem e que nos seringais seria pior, em seguida passavam por Santarém, Parintins, Itacoatiara, até por fim chegarem a Manaus.

Com o carregamento desembarcara o pessoal, que o guarda-livros fora buscar ao Ceará. Umas vinte cabeças, gente do Crato e de Carateús. Os agenciados tinham sido, no porto de Camocim, cinquenta ao todo. Mas, uns haviam fugido no Pará, outros em Manaus e cinco haviam “dado o prego” com as febres.

‘Oh! canalha safada!’ tal a frase que o empregado entremeava, a cada passo, aludindo aos engajados [...]. (Rangel, 2008, p. 121).

As hospedarias era barracões gratuitos construídos distantes da cidade, onde os migrantes “acoitavam-se”. Nesses espaços também havia muitas trocas culturais, era notável a presença do samba, maracatus e emboladas para o divertimento dos que residiam no local, também era onde as aflições eram divididas com os companheiros. Por meio da narrativa de Castro percebe-se a presença de dois personagens negros, além dos já mencionados, o Teobaldo, um sambista que não quer ir para o seringal, e Raimundo Bahia, um antigo trabalhador dos cacauais baianos. A hospedaria, também era um lugar

onde segundo a obra *Inferno Verde* de Rangel (2008, p. 40), os “Patrões ou intermediários aparecem ali a arranjar pessoas” para serem recrutados e conduzidos para realizar o trabalho nos seringais no período da safara dos produtos.

4.2 presenças negra nos seringais

Nos seringais, os negros vivenciavam uma realidade semelhante à dos demais. Lá, construíam acampamentos chamados colocações, para abrigo e armazenamento da produção. Na época da safra, obtinham mercadorias nos barracões, como tigelas para coletar leite de seringa, munição e mantimentos. Ao final, pagavam a dívida com o patrão usando o próprio produto extrativo como moeda, cujo valor era estipulado pelo patrão, resultando geralmente em saldo negativo para os seringueiros. Isso os mantinha financeiramente ligados aos seringalistas, obrigando-os a vender toda a produção para garantir sua permanência na floresta. Esse sistema mercantil de antecipação da dívida ficou conhecido como “sistema de aviamento” onde os seringueiros contraíam dívidas antes mesmo de começarem a trabalhar. Assim como na economia escravista “A força de trabalho não era comprada, mas sim o próprio trabalhador.” (Zamberlan e Noguerol, 2013, p. 236).

Cada seringueiro tinha que produzir certa quantia de borracha para saldar suas dívidas, e evitar iniciar a próxima safra com saldo devedor. Mas os que porventura conseguissem adquirir saldo dificilmente saíam vivos ou sãos dos seringais, muitos então optavam por acumular saldos, como era representado pelo personagem, preto Zenóbio, que “não se preocupava em obter saldo. Gastava tanto quando produzia” (Castro, 2001, p. 54).

Nesse contexto surge a figura do patrão, que é emblemática nas relações de poder nos seringais. Por este motivo, é vista de forma dicotômica: há o bom patrão e o mau patrão; e são estes mesmos patrões que administram a justiça, determinando, dentre as ações cotidianas de seus ‘fregueses’, aquelas que eram boas e aquelas que eram más. Assim, os seringais tinham bons e maus regulamentos.

O “bom patrão” é aquele que trata bem do ‘freguês’, isto é, do seringueiro. Ele é cortês, tem o barracão bem sortido, não usa de violência desnecessária. Já os “maus patrões” eram aqueles que adulteravam as balanças para favorecê-los e que resolviam suas questões à bala e maus-tratos, igual “os senhores de engenho que eram na verdade uns régulos e fervia o tiro por qualquer coisa” (Salles, 1971, p.130).

[...] - É assim: João Barrigudo, gritou Bacurau para um de seus capangas, [...]. Suba naquela mangueira, e me tire uma manga. Imediatamente o preto obedeceu, sorridente. Quando ia estendendo a mão para apanhar a manga. Bacurau abaixou-se e, retirando um rifle debaixo do balcão, dormiu na pontaria, derrubando o preto com um tiro certo no pé da nuca.

- Aí está, exclamou rindo. Não cumpria as ordens com precisão... E, depois, quem não mata perde o prestígio por essas bandas, minha gente... (Castro, 2001, p. 54-55).

Essas violências cometidas pelos patrões e as dificuldades de realizar o trabalho em certas áreas de seringais está associada à condição de cativo, de ser *cativo* do patrão, pois os seringueiros “por mais que trabalhassem nunca pagaria a dívida crescente e escravo se tornava” (Rangel, 2008, p. 118).

Mas os seringueiros desenvolveram táticas de resistências para resistir ao poder estabelecido a partir do barracão. Uma delas consistia em adicionar impurezas ao látex, como bolas de barro, para aumentar o peso e, assim, compensar a adulteração das balanças ou entregar a borracha ainda molhada.

Com o saldo que conseguiam nessas estratégias compravam uma quantidade de alimento que pudesse suprir minimamente suas necessidades, “A sua ração consta invariavelmente de feijão com farinha e um pouco de café. Uma vez ou outra prova um pouco de carne seca ou peixe salgado, e mais raramente alguma carne fresca, se o seringueiro tem habilidade de caçador ou pescador” (Baum, 2022, p. 117), essa base alimentar não condizia com o esforço exercidos pelos seringueiros, tal qual os escravizados não sustentavam-se com farinha de mandioca e angu de milho.

Suas moradias eram uma senzala reformulada para o ambiente amazônico, ficavam em meio à mata e próximas as estradas que levavam as seringueiras, “construídas sobre estacas, para que as águas, por ocasião das enchentes, não a possam alcançar. Seu formato é irregular e as paredes são de ripas justapostas [...] finca algumas varas e cobre de qualquer modo, com folhas de palmeiras”. (Baum, 2022, p. 117)

Com o tempo essas condições de vida, a solidão, o trabalho excessivo e o ambiente selvagem iam adoecendo os seringueiros, alguns morreram por conta das diversas febres, outros enlouqueceram com o tempo e eram levados para serem internados na Colônia dos Alienados.

4.3. Negros nas cidades modernas.

A política dos governos do fim do Império e começo da República era a de deixar os negros abandonados à própria sorte (...) As primeiras fábricas só selecionavam para o trabalho imigrantes europeus. Os ex-escravos ficavam com os piores serviços, pequenos biscates ou qualquer coisa que desse um prato de comida para a família. (Giannotti, 2007, p. 53).

Essa ausência de políticas de inclusão social reflete a precarização econômica e social que os negros enfrentaram após a abolição da escravatura, demonstrando profunda desigualdade na sociedade.

Assim em paralelo, a situação dos seringais, os negros nas cidades vivenciavam o processo de urbanização, que trouxe consigo transformações profundas, mas nem todos foram beneficiados de maneira igualitária. Para os negros que permaneceram nessas áreas, esse foi um período de desafios distintos e complexos.

À medida que as cidades cresciam e se modernizavam, uma imagem ideal de modernidade era propagada, muitas vezes ancorada em padrões culturais e sociais que marginalizavam aqueles que não se encaixavam nesse ideal. Os negros, apesar de sua contribuição significativa para a construção e desenvolvimento das cidades, encontravam-se à margem desse movimento de progresso.

A marginalização era evidente em diversas esferas da vida urbana. Acesso limitado a oportunidades educacionais, restrições ocupacionais e segregação social eram apenas alguns dos desafios enfrentados pelos negros. A modernidade, que deveria representar avanço e inclusão, muitas vezes perpetuava estruturas discriminatórias que relegavam essa população a posições periféricas na sociedade.

Nesse contexto a busca por sustento levou os negros a desbravarem novos caminhos ocupacionais, mas muitos desses trabalhos eram precarizados com baixos salários, falta de proteção social, longas jornadas de trabalho, ausência de benefícios e entre outras inseguranças, um exemplo era as pedreiras, um

verdadeiro formigueiro humano: crianças de 10 anos, mocinhas, mulheres e homens se entregavam ao trabalho árduo [...]. Mas nem o sol, nem a chuva fazem com que os que tiram dali o magro sustento para a família, se afastem de seus postos. (Castro, 2001, p. 49).

As serrarias eram outro espaço onde os negros arranjavam ocupação, assim desempenhavam papel no processamento de madeira, fornecendo matéria-prima vital para a expansão industrial e construção civil, consolidando sua presença nos setores produtivos.

Também era visível a presença de crianças negras como vendedores ambulantes nos centros urbanos. Essas crianças, oriundas de famílias em situações precárias, encontravam na venda de mercadorias uma forma de sobrevivência, a relação entre as e seus patrões era permeada por complexidades sociais e econômicas. Enquanto os pequenos vendedores ambulantes contribuíam para a economia local, a necessidade de segurança e apoio as tornava dependentes das famílias que as acolhiam.

“Lá vinha o menino do leite [...]

- Doninha, desde ontem que me sinto doente, mas os patrão não acreditam. [...]

- Que idade você tem?

- Dez anos.

- Mas você é ainda pequeno não pode trabalhar deste modo. Ainda tem pai e mãe?

-Morreram. Eles é que me criam e dizem que meu dever é pagar com trabalho a comida que como e as roupas velhas do filho que visto.

[...] – Você ainda está muito pálido. Talvez não possa acabar de entregar o leite. Descanse mais um pouco.

- Não, doninha. Basta o prejuízo que dei. Imagine se não distribuir o leite, e os fregueses forem reclamar ao patrão. Não, doninha. Muito obrigado por tudo. Meus dever é trabalhar, doente ou bom. Eles me dão comida.

[...] Antônio ia alegre. [...] Como essa moça que o carregara nos braços brancos, sem nenhum nojo.” (CASTRO, 2001, p.116-117).

Portanto, o processo de urbanização, embora tenha trazido mudanças significativas, também revelou as disparidades sociais e étnicas existentes. Os negros, apesar de sua participação ativa na construção das cidades, enfrentaram a árdua tarefa de redefinir seu lugar em uma sociedade que, muitas vezes, resistia a reconhecer plenamente sua contribuição e humanidade.

Apesar de avanços em termos de reconhecimento dos direitos civis e das implementações de políticas de inclusão, as disparidades sociais e étnicas persistem em muitos contextos urbanos e rurais na atualidade. No entanto, as lutas dos negros por igualdade e justiça têm gerado avanços nas mudanças de políticas públicas que promovem o acesso a oportunidades educacionais, de emprego, empoderamento e reconhecimento para as comunidades negras.

Considerações Finais

A intersecção entre literatura e história revela uma complexa tapeçaria de experiências que delineiam a trajetória dos negros na Amazônia entre o final do século XIX e início do século XX. A exploração intensiva da borracha emerge como um ponto crucial nesse cenário, destacando-se não apenas como um marco econômico, mas também como um palco onde as vivências dos negros se desdobraram.

A literatura, por meio das obras de Baum, Rangel e Castro, proporciona uma rica textura narrativa, capturando as nuances do cotidiano e as profundezas das experiências dos negros na Amazônia. A abordagem literária, ao lado das análises históricas, amplia a compreensão da trajetória dos negros, fornecendo uma perspectiva multifacetada que transcende dados objetivos.

A trajetória dos negros na Amazônia durante esse período foi, inegavelmente, marcada por desafios monumentais. Nos seringais, enfrentaram condições que evocam a escravidão, com longas jornadas de trabalho, dívidas crescentes.

Nas cidades em desenvolvimento, os negros não escaparam das amarras da desigualdade. A marginalização e as restrições sociais, aliadas ao acesso limitado a oportunidades, delinearum um cenário urbano onde a contribuição ativa dos negros para o crescimento econômico muitas vezes não se traduzia em progresso social.

Considerando esse panorama, a literatura e a história convergem para destacar que a trajetória dos negros na Amazônia é profundamente enraizada em narrativas de resistência, adaptação e, muitas vezes, sobrevivência. Os personagens literários, as análises históricas e as narrativas convergem para retratar a resiliência desses indivíduos diante das adversidades.

Assim, o resultado deste artigo é uma compreensão mais profunda das vivências dos negros na Amazônia durante o período em questão. A literatura e a história convergem para proporcionar uma visão holística dessa trajetória, enriquecendo nosso entendimento sobre as interseções entre identidade, poder e economia na região amazônica nesse momento crucial da história brasileira.

Fontes:

BAUM, Vicki. **A Árvore que Chora: O romance da Borracha**. Tradução de Othon M. Garcia- Manaus: Editora Valer, 2022, p. 656.

CASTRO, Aristófanos. **Um punhado de Vidas (romance de um soldado da borracha)**. 2ª edição. Valer, 2001.

RANGEL, Alberto. **Inferno Verde: Cenas e cenários do Amazonas**- Brasília, DF. 2008, p. 220.

Referências

BARROS, José D'Assunção. **O Campo Da História- A Partilha do Saber Histórico Na Historiografia Contemporânea**. ANPUH- XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA- Londrina, 2005.

COSTA, Jessyca Sâmia Ladislau Pereira. **Escravos nos Anúncios: compra, venda e aluguel de cativos em Manaus (1854-1884)**. Anais do XVI Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: saberes e práticas cênicas. 2014, p. 1-9.

DIAS, Edinea Mascarenhas. **A Ilusão do Fausto- Manaus 1890-1920**/ Manaus: Editora Valer,1999, p. 192

GIANNOTTI, Vito. **História das lutas dos trabalhadores no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

GOMES, Flávio dos Santos. **Em torno dos bumerangues: outras histórias de mocambos na Amazônia colonial**. In: revista da USP, São Paulo, v. 28: p. 40-55, Dez/Fev 1995-96.

MONTEIRO, Renata Felipe. **“Deslocados da seca” na hospedaria Getúlio Vargas: experiências e trajetórias de migração de nordestinos para a Amazônia**”. Nortes migrantes: deslocamentos, trajetórias e ocupação na Amazônia. Brasileira / Cristina Donza Cancela, Lara de Castro, orgs. — Brasília :Senado Federal, 2023. 310 p. — (Edições do Senado Federal; v. 309)

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. História da Educação**, ASPHE/FeE/UFPel, Pelotas, n.14, p. 31-45, set.2003.

SAMPAIO, Patrícia Melo. **Escravidão e Liberdade na Amazônia: notas de pesquisa sobre o mundo do trabalho indígena e africano**. 3º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Florianópolis- SC, 2007, p.1-12.

SALLES, Vicente. **O negro no Pará, sob o regime da escravidão**. Rio de Janeiro, Fundação Getulio Varga, Serv. de publicações [e] Univ. Federal do Pará, 1971.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação histórica do Brasil [1962]**. 3. ed. São Paulo:Brasiliense,1964. Disponível em:
https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg339988/drg339988.html#page/312/mode/1up

ZAMBERLAN, Carlos Otávio; NOGUERO, Luiz Paulo Ferreira. **“Escravidão e capitalismo na América portuguesa: uma invenção ou uma anomalia necessária?”**. Revista Cesumar Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, v.18, n.1, p. 229-244, jan./jun. 2013.